

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

ALINE DELAVECHIA RODRIGUES

A METAMORFOSE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

20 de junho de 2018, às 19h30.

CRICIÚMA

2018

ALINE DELAVECHIA RODRIGUES

A METAMORFOSE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Trabalho de conclusão de curso, apresentado para obtenção de grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Dra. Aurélio Regina de Souza Honorato.

CRICIÚMA

2018

ALINE DELAVECHIA RODRIGUES

A METAMORFOSE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel no curso de Artes Visuais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora – (UNESC) Orientadora

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestre – (UFSC)

Prof^a. Daniele Cristina Zacarão Pereira – Especialista – (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma colaboraram na realização deste trabalho. A minha família, que mesmo com as dificuldades não me deixaram desanimar. Aos meus amigos, que ajudaram a reconhecer meu processo e sempre que eu precisava conversar, eles me escutaram e me aconselharam. Os professores que tive a oportunidade de conhecer e compartilhar ideias, e que me fizeram crescer no pessoal e no artístico.

“A criação é, assim, observada no estado de contínua metamorfose: um percurso feito de formas de caráter precário, porque hipotético.”

(SALLES, 2013, p. 33)

RESUMO

A presente pesquisa intitulada *A metamorfose no processo de produção artística* se insere na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado da UNESC. Tem como escolha metodológica o método da A/R/Tografia que contribui na investigação de processos do artista/pesquisador. Objetiva compreender os processos de criação e de produção artística de outros artistas, juntamente com o processo artístico da autora/artista, relacionando-os, em busca de conclusões que envolvam a criação artística, as transformações que ocorrem na produção e no artista. Intenta integrar a teoria e a prática propondo como problema: A produção artística pode ser compreendida como uma constante metamorfose? De que modo isso reflete em minha produção artística? Para tanto, parte das produções e do olhar da autora/artista, assim como de suas escolhas e experiências pessoais até o momento, onde sua produção artística se torna consciente. Para o debate apresenta teóricos, artistas e pesquisadores tais como: Salles (2014), Ostrower (2013; 2014), Bacon apud Sylvester (1995), Duchamp apud Battcock (1965), Sant'anna (2003), Pasta (2001), Amaral (2017), Corrêa (2017), Basbaum (2004), Canton (2009). Nesta perspectiva da experiência busca contribuir tanto para um processo pessoal de criação artística como para o reconhecimento do espaço que a arte contemporânea desempenha na formação do sujeito artista.

Palavras-chave: Metamorfose. Produção artística. Processo de criação. Artista - entomóloga.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Híbrido.....	25	Figura 16 - Apesar de	45
Figura 02 - Libélula.....	25	Figura 17 - Caderno de registro artístico/científico.....	48
Figura 03 - Híbrido.....	26	Figura 18 - Caderno de registro artístico/científico.....	49
Figura 04 - Híbrido.....	26	Figura 19 - Caderno de registro artístico/científico.....	49
Figura 05 - Híbrido.....	27	Figura 20 - Projeto produção	50
Figura 06 - Ondina.....	28	Figura 21 - Caderneta de anotações.....	52
Figura 07 - Spider-man.....	29	Figura 22 - Ser híbrido de argila	53
Figura 08 - Manuscrito de Leonardo Da Vinci.....	30	Figura 23 - Ciclo da borboleta.....	54
Figura 09 - Híbrido.....	31	Figura 24 - Borboleta encontrada	56
Figura 10 - Pintura.....	33	Figura 25 - Caixa de insetos e caderno artístico/científico.....	57
Figura 11 - Diagrama/ ciclo da borboleta	37	Figura 26 - Painel	58
Figura 12 - Ter as costas livres.....	42	Figura 27 - Borboleta branca	59
Figura 13 - Ter as costas livres.....	43	Figura 28 - Libélula encontrada	60
Figura 14 - Ter as costas livres.....	43	Figura 29 - Diorama.....	61
Figura 15 - Passagem de voo.....	44		

SUMÁRIO

1 OVO – INÍCIO DO CICLO.....	10
2 CAPÍTULO 1 - ECLOSÃO DOS OVOS.....	16
3 CAPÍTULO 2 - LARVA.....	21
4 CAPÍTULO 3 - PUPA.....	24
5 CAPÍTULO 4 - METAMORFOSE.....	35
6 CAPÍTULO 5 - EMERSÃO.....	39
7 CAPÍTULO 6 - FASE ADULTA: ARTISTA-ENTOMÓLOGA.....	47
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS - METAMORFOSE IMCOMPLETA.....	62



1 OVO – INÍCIO DO CICLO

Os insetos desenvolvem-se de ovos que variam muito em tamanho e forma, segundo a espécie. Geralmente os ovos são de tamanho proporcional ao tamanho da espécie. [...] normalmente os ovos são postos onde os recém-nascidos possam encontrar alimentação farta e fácil, e no ambiente (ou próximo dele) onde viverão quando adultos. (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 23)

Para tudo existe um início, um ponto de partida, assim como o ciclo de uma borboleta se inicia com o ovo esta pesquisa se apresenta como um processo de eclosão de um eu artista. Abordo nessa pesquisa/processo um de meus percursos, desenrolados no decorrer dos tempos, cujo impulso de viver em liberdade se desenvolve e se redescobre a cada passo, a cada dia, mais imperceptível que o piscar dos olhos. Mesmo não sabendo e nem percebendo quais narrativas me impulsionam, procuro entender seus significados, o porquê me sinto muito próxima dessas questões. No emaranhado de minhas inquietações, busco aqui, transparecer os desdobramentos que fazem ou já fizeram até agora, parte de minha trajetória.

O momento que então participou das transformações ocorridas em minha existência, e que me fez perceber o quão importante fora, começou ainda na infância. Desde quando minhas maiores conquistas eram exclusivamente capturar simples e pequenas criaturas voadoras, insetos. Quando as horas não me apressavam e ao mesmo tempo passavam como brisa essas criaturas pareciam me perseguir, chegavam serenas e paravam como se estivessem querendo me dizer o que eu não conseguia entender. Logo eu, que as admirava tanto, queria elas só para mim, e de maneira inocente, em um recipiente, tentava confiná-las. E se acaso não tivesse o recipiente no momento, aventurava-me com as mãos pequenas a essa laboriosa tarefa, pois bastava um movimento brusco para que elas fossem em outro lugar pousar. O propósito de capturá-las era somente observá-las de perto e

essa ação era vista por mim como um desafio, e quanto mais difícil, mais eu queria. Hoje, muitas pessoas conhecidas que encontram em seus caminhos essas criaturas voadoras, logo se lembram de mim.

Atualmente parece que elas esqueceram de me visitar, foram talvez as mudanças que ocorreram em minha vida e as do mundo como um todo. Hoje, quase sem ter muitas opções vivo uma vida agitada, que às vezes pela pressa, me faz desperceber o que antes era tão próximo e percebido.

Foi dessas experiências estéticas vividas ainda quando pequena, que busquei inconscientemente me apropriar dos formatos desses insetos, como por exemplo a borboleta e a libélula, e trazê-los para uma significação diferenciada de minha visão. Esses insetos precisam passar por transformações e cada um possui um caráter singular. Desde quando os ovos eclodem até a fase adulta. A primeira fase da libélula é a ninfa, como se fosse a adolescência. Nessa fase a ninfa não se parece em nada com a libélula, sendo considerada feia para muitas pessoas. Os ovos são sempre depositados na água e durante esse período ela se desenvolve até o momento da fase adulta, podendo durar até quatro anos. Subindo pelo caule esse ser se fixa e lá deixa seu antigo corpo, passando pela metamorfose e virando assim uma libélula, e então o ciclo recomeça. Diferentemente, o ciclo da borboleta acontece na planta, fora da água. Depois da eclosão dos ovos, o que pode demorar até um ano, a lagarta cresce e produz fios de seda para futuramente ser seu casulo. Ela passa por várias mudanças de pele até virar pupa, a fase em que fica no casulo, podendo ficar até um mês. Quando a metamorfose está completa ela rompe o casulo e outro ciclo se inicia. Desde sempre senti uma conexão com esses insetos, por serem talvez tão pequenos e frágeis, mas que ao mesmo tempo conseguem explorar sua magnitude com uma vida de curta duração. São símbolos de liberdade e de luta.

A palavra metamorfose, que tem nos dicionários da Língua Portuguesa o significado de transformação e mudança, trazem um sentido muito forte para minha concepção de vida e arte, o que me fez refletir sobre ela e desde então, algumas perguntas me invadiram a mente: se a produção artística se desenvolve ao longo do tempo e cada vez mais o artista se aprimora, pode ele e sua produção passarem por metamorfoses? Se isso é possível ocorre de maneira contínua? Até que momento a metamorfose é capaz de influenciar no processo de criação? Essas questões estão relacionadas à minha produção?

São questionamentos que me movem e que de certo modo têm me tomado a atenção e me inspirado. Pensar em metamorfose é pensar nos insetos de minha infância e nos insetos que hoje promovem em mim deslocamentos que me colocam diante de meu processo artístico, que cada vez mais vem amadurecendo.

Procurando compreender esses aspectos, trago como tema principal nesta pesquisa em arte a metamorfose na produção artística a partir do problema: *a produção artística pode ser compreendida como uma constante metamorfose? De que modo isso reflete em minha produção?*

Portanto, procuro, pela pesquisa, compreender e responder as indagações levantadas e que me causam inquietações. A fim de propor também uma transformação e contribuição no meio artístico, busco enfatizar a importância do artista-pesquisador e seus processos que envolvem a teoria, a prática, a criação, a poética, a expressão, o registro e a sistematização, um conjunto responsável pelas metamorfoses de produção, investigando tanto meu processo, como os de outros artistas. A a/r/tografia, metodologia escolhida para esta produção, está em constante transformação, e aborda a teoria como prática-processo.

Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. [...] o praticante da artografia, integra esses múltiplos e flexíveis papéis na sua vida profissional. [...] vive em um mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços desde aqueles que nem são isso nem aquilo e também aqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. (DIAS, IRWIN, 2013, p. 25)

A a/r/tografia procura formatos diferentes dos tradicionais para desenvolver a pesquisa. Possibilita novas perspectivas, justamente por não ser nada concreto, proporcionando nova visão nas pesquisas e produções artísticas, pontos alternativos. Está ligada a pesquisa-ação, o fazer e a pesquisa são uma só, o pesquisador não se desliga da prática, sendo considerada sua própria vida. Assim como minha pesquisa, busco criar novas possibilidades, novas visões sobre os assuntos abordados, tendo como referência meu processo de criação e de outros artistas.

Para melhor entendimento, abordarei os principais temas de cada capítulo, que foram divididos em seis e as considerações finais como metamorfose incompleta, relacionando-os com o ciclo de vida da borboleta. O primeiro capítulo, intitulado “Ecloração dos ovos”, trata da necessidade do ser humano de criar, tendo como pensamentos norteadores Ostrower (2014;

2013) com os livros *Criatividade e processos de criação* (2014) e *Acasos e criação artística respectivamente* (2013). O livro *Gesto inacabado: processo de criação artística* de Cecília Almeida Salles (2014), que aborda questões desde o rascunho e criatividade, a questões culturais como influenciadores do ato de criação. Abordo também os acasos nas produções artísticas, e como eles se desdobram. Assim como a vida de uma borboleta, que inicia no momento em que o ovo eclode, a ideia de criação de um artista também passa por um início, onde ele decide, ou pelo menos define qual o objetivo que pretende alcançar.

O capítulo intitulado Larva traz questões relacionadas a prática do fazer artístico. Quando o artista materializa as ideias de produções, e que nem sempre o resultado é o que de fato se pensou, pois, sofre influências e conforme as experiências novas ideais surgem e acabam mudando a ideia inicial. O público também é outro fator importante, pois a partir das experiências de vida de cada um, novas observações sobre a obra são despertadas. No texto *O ato criador* de Marcel Duchamp (1957), ele denomina o “coeficiente artístico”, entre a ideia e o resultado de uma produção, existe uma falha. Na fase larval, a borboleta se alimenta e acumula energia para a próxima etapa do ciclo, assim como o artista, precisa “alimentar” suas ideias, se apropriando dos contextos em sua volta, e se preparando para quando for reconhecido pelo público.

Na pupa a borboleta sofre grandes transformações. É para essa fase que ela acumula energia, pois precisa passar um longo período dentro do casulo sem se alimentar, sem poder se movimentar. Creio que para mim esse período seria a fase em que observo dentro de mim o que me move. Quando descubro do que realmente gosto. Onde assumo meus gostos pelos insetos, pelos híbridos, e o que deles não consigo abandonar. Walmor Corrêa¹ é um artista contemporâneo, que aborda, em seus trabalhos, semelhanças com as minhas produções, buscando também o fantástico. Nesse capítulo, narro os principais acontecimentos do meu processo como artista e sobre minhas produções. Como uma produção pode se transformar em outra,

¹ Walmor Corrêa, artista nascido em Florianópolis/SC. Teve seu primeiro contato com a arte na escola nas aulas de ciências e biologia, onde desenha nos cadernos. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Walmor%20Corr%C3%AAa%20-%20Walmor%20Correa/>. Acesso em: 25 mai. 2018.

trazendo como exemplo o artista Francis Bacon² (1909-1992), um dos principais pintores modernistas da Grã-Bretanha do século XX.

Dentro do casulo a borboleta passa por metamorfoses, essa é a mais marcante, pois é onde suas asas saem. Entra uma larva, e sai uma borboleta. Assim como a borboleta, nos artistas passamos por metamorfoses, que nos fazem aprender cada vez mais, que nos modificam constantemente. E não é somente o artista que sofre mutações, as produções também, conforme o artista amadurece, e conseqüentemente sua produção.

Para emergir, a borboleta precisa romper o casulo, junto com ela sai seus excrementos, pois nesse período ela não consegue sair, fica presa até que as transformações estejam concluídas. Quando finalmente ela sai, suas asas ainda estão moles e assim possibilita que a hemolinfa³ passe por entre as veias de suas asas. Quando endurece as asas ela consegue então voar. Nesse capítulo, com o título de Emersão, focando na emersão do artista, que acontece gradualmente, e para ocorrer ele precisa registrar o processo, o que antes era deixado de lado, e hoje é considerado fundamental, pois assim podemos ter um entendimento melhor sobre como aconteceu esse processo, tanto quanto da produção como a do artista, tendo como principal referência a professora e autora Salles (2014).

Como todo ciclo de vida, a reprodução precisa ser realizada, para assim dar continuidade à vida daquela espécie. A fêmea escolhe um lugar com condições favoráveis para pôr seus ovos e assim dar continuidade ao ciclo. No capítulo intitulado Reprodução, apresento a partir da necessidade de criação do artista como continuidade do seu processo artístico, semelhante a essa fase do ciclo da borboleta. Nós artistas necessitamos pôr em prática as ideias, procurando sempre fazer novas experiências, não podendo nos acomodar com o que já produzimos, pois buscamos sempre nos aprofundar nas questões de nosso interesse.

² Artista Francis Bacon.

³ Substância parecida com o sangue, encontrada em insetos, possuindo a mesma função no inseto como o sangue em humanos. Disponível em: <http://diariodebiologia.com/2011/10/insetos-tem-sangue/>. Acesso em: 20 mai. 2018.

Considerando minha aproximação com os insetos e com a entomologia, me aproximo da ideia de Ricardo Basbaum (2004), em seu texto 'amo os artistas-etc', me aproprio desse termo para me definir como artista-entomóloga. Nesse capítulo, que chamo de Fase adulta: artista-entomóloga, considero como sendo o amadurecimento pessoal que ocorreu durante todo o período vivido, para chegar a conclusão e me considerar como artista-entomóloga.

Em minhas considerações finais que chamo de Metamorfose incompleta, relaciono o título com o artista. A borboleta passa por metamorfose completa, pois a fase larval e a adulta são completamente diferentes. A libélula passa por metamorfose incompleta, pois a fase ninfa possui semelhança ao adulto. O propósito de se fazer essas relações é para questionar a palavra em si, 'incompleta', pois nós seres humanos ou artistas, passamos por várias mudanças, então não somos completos.

2 CAPÍTULO 1 - ECLOSÃO DOS OVOS

A ruptura do cório dá-se pelo próprio esforço do embrião. A maioria das larvas provoca sua saída do ovo pela absorção do fluído amniótico, aumentando o volume e bombeando a hemolinfa por meio de contrações do abdômen, fazendo com que a cabeça exerça pressão sobre o cório. (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 24).

No momento em que a larva faz força para sair do ovo, ela rompe o cório, que tem por função proteger o embrião, mas o embrião quando está pronto e se torna larva, necessita sair do ovo. Para mim, esse processo pode ser relacionado ao ser humano e ao artista. Enquanto vivemos passamos por situações que nos fazem refletir. Como o ser humano⁴ é um ser pensante, precisa constantemente realizar afazeres que o fazem se sentir satisfeito consigo mesmo. Busca através do trabalho ou vida pessoal, criar. E essa criação vem há tempo o acompanhando, por meio de descobertas pessoais e também pelo contato com o outro. Esta afirmação aponta que a criação é potência na vida humana.

[...] do momento que exista no indivíduo um determinado potencial, surge para esse indivíduo, como necessidade interior, a necessidade de exercer seu potencial e de realizá-lo em sentido criativo. Podendo realizá-lo, o indivíduo se realizaria; sua vida se tornaria mais rica e significativa. (OSTROWER, 2014, p. 30)

O tema criação é abordado por Fayga Ostrower no livro, *Criatividade e Processos de Criação* e segundo a autora “Criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam” (2014, p. 5). Quando uso o termo *criação* logo penso em algo novo, nunca visto antes, que seja ligado as artes, ou aos artistas, quando na verdade criar também é escolher caminhos, lidar com situações, e cada um reage de maneira diferente.

⁴ Definição de Humano: Relacionado com o homem, indivíduo dotado de inteligência e linguagem articulada, pertencente à espécie humana. Disponível em, <https://www.dicio.com.br/humano/>. Acesso em: 11 mar. 2018.

Na inocência da minha infância pude ter contato com pequenos insetos que apareciam em casa, entre eles, louva-a-deus, abelhas, maribondos, e os que mais me fascinam, as libélulas, borboletas e mariposas. Seres instintivos, buscando realizar seus ciclos da forma que a natureza estabeleceu. Penso que nós, seres humanos, possuímos uma bagagem, que com o decorrer dos anos só tende a crescer, pois por mais que possamos esquecê-la, sempre estará no subconsciente da nossa mente adormecida, e conforme vamos precisando e revendo algo vamos nos lembrando e nos adaptando ao que precisamos ou necessitamos no momento. Penso assim, em razão de que isso aconteceu comigo, em meu processo. Como mencionei no início do texto, antes mesmo de conhecer o universo da arte já possuía experiências com os insetos. De alguma forma esses acontecimentos foram tão marcantes que minha mente os trouxe à tona e me fez lembrar desses momentos.

Antes de escolher em qual curso superior iria ingressar fui eliminando o que eu tinha certeza que não me agradava. Fiquei em dúvida entre dois, Artes Visuais e Ciências Biológicas. A ciência sempre me chamou a atenção, e buscar conhecer os animais e os insetos em especial, também sempre me interessou. Fazer descobertas me atrai, mas por instinto, resolvi escolher Artes Visuais. Um fato curioso, neste percurso, é que minha irmã escolheu Ciências Biológicas, então, mesmo não fazendo parte diretamente das ciências, indiretamente eu vou conhecendo pela proximidade que minha irmã e eu temos.

Nas aulas na universidade sempre que eu precisava criar ficava pensando por horas, porque sentia que precisava fazer algo que tivesse relação comigo mesma. Não algo que fosse puro fazer porque preciso para cumprir algum requisito da aula. E mesmo eu tentando criar algum elemento, objeto, imagem que não tivesse asas, sempre acabava trazendo as asas para o elemento criado. Podia ser na cerâmica, no desenho ou na xilogravura. Isso me faz pensar que essas pequenas criaturas existentes no mundo acabaram acompanhando os avanços do homem. Conforme as cidades cresceram e a natureza diminuiu, os insetos passaram por transformações e adaptaram sua vida conforme precisam para manter sua espécie. Tal qual o ser humano que busca sobreviver em seus espaços e lugares de forma a se sentir espiritualmente parte deles e através dessa busca, considera a criação uma necessidade. Esse espírito, a que me refiro, tem relação com a ideia do não material, do não físico. Algo que não conheço por inteiro, pois se transforma a cada experiência. O espírito sente vontade e procura um meio para saciá-la, e

isso é algo que busco compreender, pois são diferentes para cada um, e falo também de mim, pois essa constante inquietação que sinto referente ao meu fazer artístico é o que me move diariamente. Me considero um pouco mais satisfeita quando entendo uma produção artística, ou quando realizo uma. No momento que pesquiso sobre insetos, outros irão procurar razões diversas para encontrar o que idealizam. Ainda não me sinto completa, e nem deveria, pois a todo momento estamos nos modificando por consequência no mundo ao nosso redor, e me sentir completa seria o mesmo que dizer que parei no tempo, que não tenho mais nada para aprender, para olhar e nem para duvidar. As dúvidas me motivam a buscar resultados, e um leva ao outro consequentemente. É como um ciclo sem fim.

Por mais que pesquisadores afirmem que nada se cria, que já existe alguém fazendo algo parecido em outro lugar, o que torna uma produção artística singular não é somente a obra final. Não existe alguém que tenha passado pelas mesmas experiências estéticas que eu. Somente eu sei, só eu senti, porque mesmo que aconteça algo idêntico para duas pessoas, cada uma terá uma sensação diferente, e é isso que torna a produção exclusiva. Isso tudo faz parte de um processo de constantes mudanças e de aprendizados, capazes de amadurecer nossos pensamentos e produções. Temos que ser capazes de nos conhecer. Nosso autoconhecimento, assim dizendo, dependerá do quanto estamos dispostos a nos conhecer, até onde quero me conhecer e conhecer minhas produções, ou ainda, se existem divisões entre elas? Não podemos esconder ou reprimir o que desejamos. Por muito tempo não considerei meus trabalhos como produção artística. E hoje entendo o porquê. Eu não conseguia enxergar um processo, somente coisas aleatórias. Eu particularmente estava acostumada a pensar que deveria escolher um material e dele começar a produzir. Somente cerâmica, ou aquarela, por exemplo. Só que a partir das pesquisas, conversas, cheguei à conclusão de que não era isso que tornava uma pessoa artista. Existem sim, artistas que escolhem uma linguagem, um material, para produzir. Mas esse não é o meu caso. Como sou uma pessoa que aprecia novas experiências e o curso propiciou o contato com muitas linguagens e materiais, pude perceber com o que mais me identifiquei. E foi a partir desse momento que percebi que não precisaria escolher entre uma ou outra linguagem, mas sim fazer o que eu sinto necessário.

A poética do artista é que deve caminhar em conjunto com as produções e ser focada em objetivos que acrescentem cada vez mais à produção, podendo ela ser realizada do modo que o artista considerar melhor, desde que consiga alcançar os resultados que busca em suas produções. Percebi a poética de minha produção a partir de uma disciplina do curso⁵ (ateliê de interlocuções poéticas ministrada por Daniele Cristina Zacarão Pereira), e também descobri que ela sempre existiu, bastou eu identificar. Foi um momento importante, pois constantemente falávamos sobre os processos de produção nas aulas e nessa, em especial, tivemos a oportunidade de falar sobre a poética e trocar ideias com os demais acadêmicos, o que propiciou para mim o encontro com a minha e foi a partir daí que considerei minhas produções como arte. Por um longo período dentro do curso me considerava somente uma apreciadora das artes, mas não via em mim uma artista, pois entrei na faculdade com uma visão de arte completamente diferente do que agora no final do curso. Temos ideia de que arte precisa ser bela, ou em pintura. A arte contemporânea mostrou a mim, e acredito que para vários outros artistas, que podemos criar a partir dos nossos pensamentos e que devemos quebrar essa “barreira” invisível que põe limites nas produções artísticas de quem procura o mercado da arte ou até mesmo a participação em exposições. Essa ‘barreira’, foi o que me impediu muitas vezes de produzir, pois tinha medo de que minha produção não agradasse o observador, uma barreira criada por mim mesma e pelo meu medo de não conseguir alcançar meus objetivos artísticos. A arte contemporânea dá ao artista a oportunidade de utilizar suas experiências estéticas, e desdobrá-las na arte. Ela proporciona a junção de diferentes áreas, uma pluralidade de conhecimentos, a liberdade de criação que antes da modernidade não era possível. Em minhas produções, ocorre uma aproximação com a área da biologia, pois não é somente a arte que me desperta interesse, e isso é possível, pois o contemporâneo busca, justamente salientar a relação entre arte e vida e no momento arte e biologia são ambos importantes para mim, por isso são representadas nas minhas produções e pesquisa.

“[...] a arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Nesse campo de forças, artistas contemporâneos buscam um sentido, mas que finca seus valores e

⁵ Na 7ª fase, em 2017.

potencializa a arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano” (CANTON, 2009, p. 49)

O artista quando ultrapassa esses limites expõe sua potência, colocando em prática suas convicções e pensamentos, sabendo que nem todos conseguirão alcançar sua linha de raciocínio e entender a sua proposta, justamente por ser algo único para o criador e somente experienciado por ele. Isso me faz pensar sobre o nível de consciência do artista em sua criação, afinal é possível ser consciente sobre as escolhas que tomamos ao longo da criação da produção? Mesmo que o artista tenha, consciência, quando coloca a produção em prática não pode prever acontecimentos futuros, pois são incertos, como por exemplo, um happening, no momento que é criado se tem uma ideia, mas na hora que acontece não se sabe o que pode ou não acontecer, e nem como o público irá reagir, e nesse caso tanto a proposta quanto a execução são de fundamental importância para a arte. Ser consciente quando estamos criando algo não exclui a possibilidade de ocorrer influência de outros ou do mundo. Podemos pensar que sim, mas de uma forma ou de outra isso acontece, a diferença é, se temos ou não a capacidade para reconhecer. O que ainda não sei é porque alguns fatores são escolhidos e alguns não, o que me faz pensar se escolhas são aleatórias? Ou subjetivas? A autora Fayga Ostrower, conta-nos um acontecimento do cotidiano de Paul Klee (1897-1940) que me faz refletir sobre isso:

No momento em que eu pretendia diluir com aguarrás uma base de asfalto já aquecida e que havia ficado grossa demais, ela se marmorizou, transformando-se em uma base bonita e singular para água-tinta. A estupidez também nos ajuda a fazer descobertas. (KLEE, 1990, p. 236 apud SALLES, 2014, p. 43)

Assim como o exemplo do artista, muitas vezes sem esperar descobrimos algo melhor do que imaginamos e não temos como controlar esses acontecimentos, sabe-se que quanto mais experimentações ocorrerem, maior a chance de descobrirmos fatos antes desconhecidos, então o artista que pretende inovar em suas criações deve sempre estar em constante investigação, aprendendo com os erros ou acertos. Pode ser assim, que irá surgir uma ideia nova ou pode ser também sentado em um banco de ônibus, por isso a importância do registro das ideias, rascunhos para o desdobramento das produções, através da experimentação.

3 CAPÍTULO 2 – LARVA

A larva dos insetos constitui um estágio imaturo pós-embriônico que apresenta caracteres adaptativos próprios em grau variável, conforme o grupo considerado. [...] as larvas dos insetos em geral são heteromórficas, isto é, que seu desenvolvimento se faz por meio de formas diferentes, que se adaptam a diferentes funções ou condições de vida da própria larva e, portanto, sem nenhuma relação direta com o adulto. (COSTA, IDE, SIMONKA, p. 24).

Quando o inseto é larva, ele precisa se alimentar de tudo que puder para conseguir chegar na próxima etapa do ciclo, ele se desenvolve à medida que se alimenta, assim vejo o artista, que todo dia busca novos meios, realizações e experiências para crescer e materializar sua produção artística. A materialização de uma produção artística é o resultado da combinação entre vida e arte. É ordenar os pensamentos e pôr em prática o que se imagina. O artista escolhe quais materiais usar, da maneira que sua proposta exige, como será concebida e o que ele está disposto a oferecer ao observador, até que ponto suas ideias serão reveladas. Nem sempre a materialização da produção é a produção realmente, pois o processo e as experiências não poderão ser percebidos pelo observador, e isso muitas vezes é mais importante que a produção final. A produção é o objeto físico de todo o conjunto que o artista julgou necessário para que quem observe tenha um pouco de entendimento. A vivência de cada um é única e singular e a produção é uma tentativa de tornar isso fisicamente possível de ser sentido pelos outros.

O artista Duchamp denomina isso como “coeficiente artístico”, que para ele significa uma falha entre a intenção do artista e o que de fato realizou, e que o artista faz isso sem ter consciência. Duchamp afirma (DUCHAMP apud BATTCKOCK, 1965, p. 73) “em outras palavras, o “coeficiente artístico” é como que uma relação aritmética entre o que permanece inexpresso embora intencionado, e o que é expresso não-intencionalmente. ” Duchamp comenta sobre a consciência do artista no ato criador e também das influências que sofre durante a realização, ele afirma:

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético. (DUCHAMP apud BATTCKOCK, 1965, p. 73).

Conforme esse pensamento, podemos perceber que o ato de criação possui aspectos subjetivos ao seu criador, que como todos, sofrem influências do mundo ao redor e da sociedade, mesmo que ele não consiga enxergar isso. Desse modo Duchamp enfatiza a importância do público no ato criador, pois é o público que irá desvendar pontos ainda inexpressos pelo artista e sua obra. O público quando observa busca fazer uma ligação com o que vê e com o que ele já conhece, como se a obra fosse um labirinto e precisasse de uma solução, e assim participa do ato de criação.

Com pensamentos contrários aos de Duchamp, o artista Francis Bacon revela, em uma entrevista, quando questionado se haveria alguma diferença para ele se suas obras nunca fossem mostradas ao público, no que ele responde: “Não, nenhuma. É verdade que há um número de pessoas que poderiam ajudar com suas críticas, e eu ficaria muito feliz se elas gostassem delas, mas por outro lado, realmente não ligo muito” (SYLVESTER, 1995. p. 20). O público para Duchamp é essencial para a realização de uma produção artística e já para Bacon não. Mas mesmo assim ele é um artista conhecido mundialmente, o que faz com que esse pensamento dele se mostre contraditório, pois sem o público não teria se tornado conhecido.

A produção artística pode sofrer influência dependendo de certas circunstâncias, como por exemplo: o local em que nasceu, inclusive do grupo familiar. Vejamos o que Salles (2014, p. 34) nos diz: “A arte está sendo abordada sob o ponto de vista do fazer, dentro de um contexto histórico, social e artístico. Um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente”. Algumas dessas escolhas são subjetivas, e umas por serem mais reconhecidas são de preferência do artista. Por exemplo, ele é consciente de qual pincel escolheu para pintar, pois sabe qual se adapta melhor ao resultado desejado, mas nem sempre tem consciência da cor que escolheu pintar, por mais que para ele seja algo sem conexão, seu pensamento subjetivo fez a escolha.

Segundo OSTROWER (2014, p.37):

[...] é possível reconhecer uma sensibilidade diferente em cada pintor, uma atitude seletiva diante das propostas do contexto cultural [...]. Na sensibilidade variável de cada um, na estrutura única de uma individualidade, a imaginação e a linguagem adquirem formas pessoais e subjetivas, até.

Não podemos separar a vida da arte ou vice-versa, pois na arte precisamos colocar nossa potência, isso faz com que cada produção, cada trabalho realizado, seja único, pois para o artista existe um significado, existem acontecimentos, mutações, para que ele chegue a um resultado. O resultado de hoje não impede de ser outro amanhã, na mesma produção, porque os sentimentos de hoje serão diferentes dos de amanhã, e pode haver necessidade de mudanças, um olhar diferente sobre o mesmo.

Compreendo assim, que o processo artístico é um desafio constante, e manter a sobrevivência consiste em passar por metamorfoses, quase imperceptíveis.

4 CAPÍTULO 3 – PUPA

Pupa é o estágio quiescente que ocorre em todos os insetos holometábolos. Sucede a um instar larval, e nele se dá a primeira exteriorização das asas. É um estágio intermediário entre a larva e o adulto. ” (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 29)

Na fase da pupa, a larva fica em repouso, dentro do casulo, sem se alimentar, passando por metamorfoses até o momento em que são formadas suas asas, sendo assim adulta. É difícil buscar dentro de mim, o que posso chamar de *EU*. De alguma forma sou diferente dos outros seres, não somente pelo DNA, mas também pelo que gosto de chamar de *potência*. E pode parecer simples, mas não é. É muito mais complexo do que isso. O estágio da pupa é próximo com o que o artista em certo momento e o ser humano em algum momento da vida passa, pois precisa ter esse tempo, para ‘colocar’ os pensamentos em ‘ordem’, realizar e propor novas metas para serem alcançadas, ter uma trajetória em mente, sempre pensando no futuro.

A partir dessa ideia, quando percebi a ligação que sinto com os insetos e que isso se refletia em minhas produções e delas surgiram os híbridos, pois acredito que todos nós somos híbridos, talvez não no físico, mas nas mudanças que passamos durante nossa vida, que podem, de certa forma nos transformar em outro ser, ou em vários outros seres. A partir daí, comecei a trazer o hibridismo nas produções e sempre relacionando o corpo humano com partes de insetos, as asas principalmente, pois para mim assim esse ser se sentiria livre, como se para ele tudo fosse possível. Nas figuras (01, 02, 03, 04 e 05), podemos observar como aconteceu meu processo e como se transformou para as demais linguagens artísticas conforme os anos foram passando e cada vez mais me atraindo as questões dos insetos e o hibridismo.

Figura 01 - Híbrido



Cerâmica escultórica 15 cm x 15 cm, 2015, caixa de madeira, almofada de tecido. Exposta no Museu da Infância - UNESC. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 02 - Libélula



Sem título, cerâmica escultórica, 5 cm x 4 cm, 2015. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 03 - Híbrido



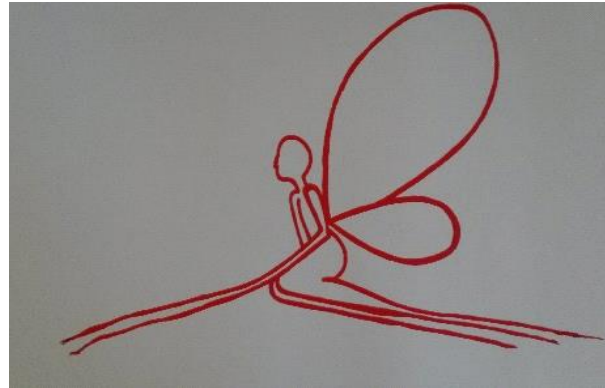
Sem título, xilogravura, matriz perdida I, 42 cm x 29,7 cm, 2016. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 04 - Híbrido



Sem título, serigrafia, 15 cm x 10 cm, 2017. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 05 - Híbrido



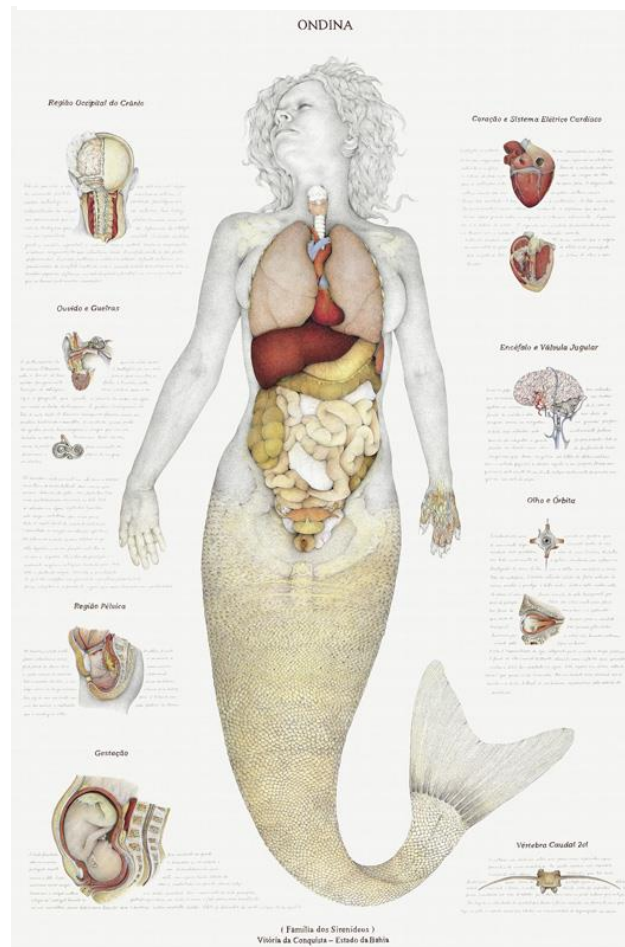
Sem título, gravura, 29.7 cm x 42 cm, 2017. Fonte: acervo pessoal da artista.

Com o decorrer desse processo conheci o artista Walmor Corrêa que desenvolveu um processo artístico a partir da hibridização entre seres imaginários do folclore brasileiro (figura 06) e da cultura da pop (figura 07), como por exemplo a sereia e o curupira. Desenhos anatômicos semelhantes aos taxonômicos⁶. Juntamente com seus seres imaginários ele introduz textos, como se estivesse catalogando tal animal, e isso cria como diz Ramos⁷ (2013, p. 96) “a possibilidade de existência tanto pela forma, como pelo discurso. É lendo os comentários do dissecador que o público poderá se perguntar se de fato, a estrutura das patas da mulher-guepardo Cheetah não seria provável [...]”. Desde a infância o artista se deixava imaginar por esses seres, eles lhe despertavam interesses, abusando de sua imaginação, e seu pai costumava o fazer acreditar na existência deles e desse modo quando começou suas produções a influência desses acontecimentos se mostrou presente.

⁶ É o estudo científico responsável pela identificação e classificação de todos os animais e plantas que habitam a terra. Disponível em: <https://www.significados.com.br/taxonomia/>. Acesso em: 25 jun. 2018.

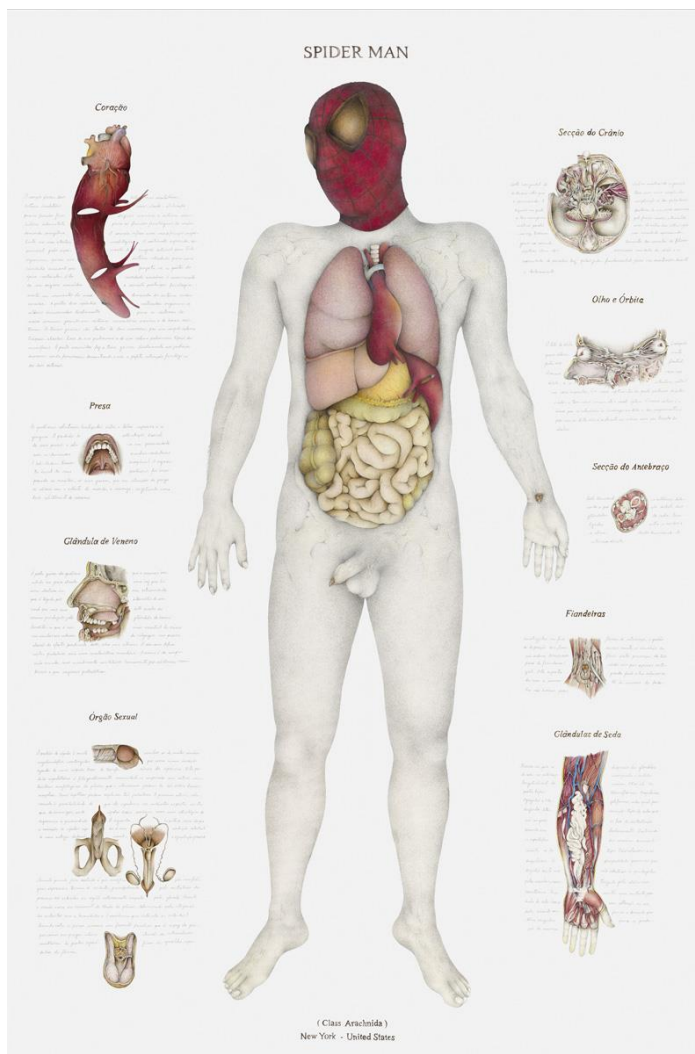
⁷ Paula Ramos, crítica de arte, professora-pesquisadora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio grande do Sul - UFRGS em 2013.

Figura 06 - Ondina



Da série *Unheimlich, imaginário popular brasileiro*, acrílica e grafite sobre tela, 2005, 195 x 130 cm. Walmor Corrêa. Fonte: site pessoal do artista Walmor Corrêa.

Figura 07 - Spider-man



Da série *Unheimlich, imaginário popular brasileiro*, acrílica e grafite sobre tela, 2005, 195 x 130 cm. Walmor Corrêa. Fonte: site pessoal do artista Walmor Corrêa.

A produção de Corrêa me lembra o artista Leonardo Da Vinci (1452-1519), pois seus desenhos anatômicos são estudos baseados no corpo humano. Em 2005 foi lançado um livro intitulado 'Bestiário, fábulas e outros escritos', onde podemos ver seus desenhos, estudos, esboços. A tardia edição desses materiais foi porque Da Vinci escrevia da direita para a esquerda, e no ano de sua morte, as pessoas pensaram que não passavam de escritas desconexas (figura 08). O híbrido também foi presente nos desenhos de Leonardo Da Vinci.

Figura 08 - Manuscrito de Leonardo Da Vinci



Os desenhos híbridos passaram a fazer parte do meu processo mais ou menos a partir da 4ª fase do curso de Artes Visuais Bacharelado. Um que obtive minha atenção foi um híbrido de corpo feminino (figura 09), com três cabeças e com asas de borboleta, na técnica da xilogravura. Foi produzido pela proposta da professora⁸, e todos os alunos deveriam produzir cinco xilogravuras. No momento da produção não pensei no que estava fazendo, fui criando o rascunho conforme imaginava. Depois da xilogravura pronta, impressa e com a tinta seca, levei para casa e mostrei para minha irmã mais velha, que de modo espontâneo me disse, *somos nós três?* De modo algum tive esse objetivo no momento que criei o desenho, mas de alguma forma depois de ouvir essas palavras, pude perceber que realmente se pareciam. Sou a irmã do meio.

Figura 09 - Híbrido



Xilogravura, 42 cm x 29,7 cm, 2016. Fonte: acervo pessoal da artista.

⁸ Izabel Duarte, na disciplina ateliê de gravura.

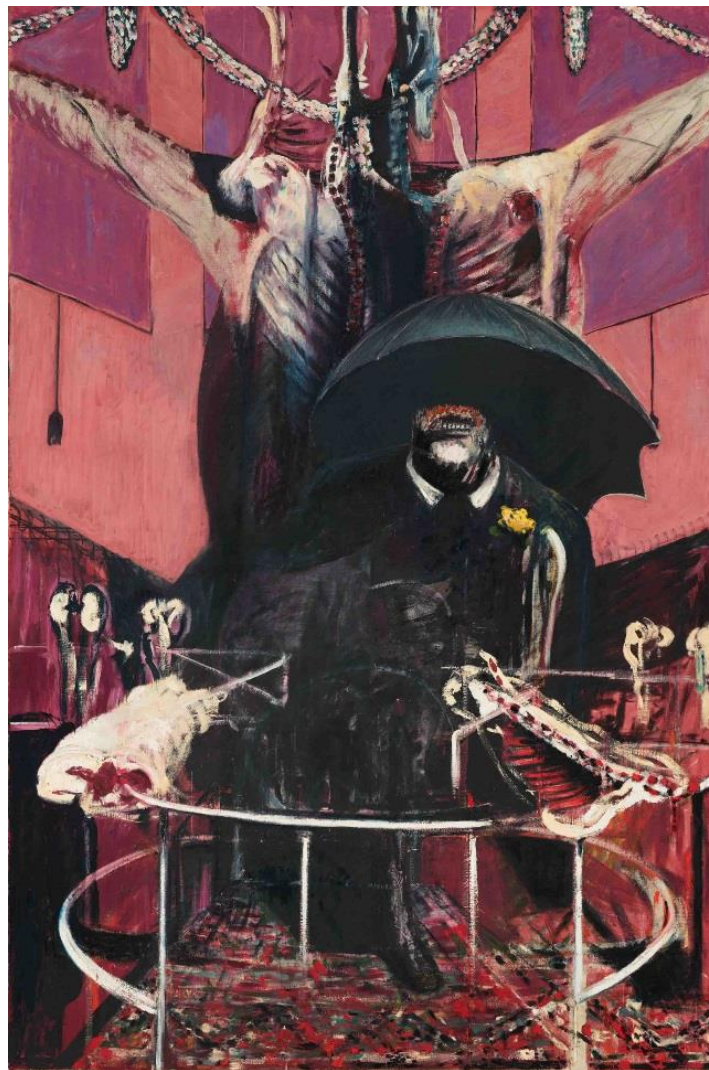
O fato ocorrido gera questões que não serão respondidas, até porque acredito não ter respostas para isso, mas nos dá a certeza de que nem tudo que é produzido tem uma carga de intenção. Que as razões do artista nem sempre são reconhecidas por ele no momento da criação.

Admite-se, portanto, a impossibilidade de se determinar com nitidez o instante primeiro que desencadeou o processo e o momento de seu ponto final. É um processo contínuo com regressão e progressão infinitas. Essa visão foge da busca ingênua pela origem da obra e relativiza a noção de conclusão. Como cada versão contém, potencialmente, um objeto acabado e o objeto considerado final representa, de forma potencial também, apenas um dos momentos do processo, cai por terra a ideia da obra entregue ao público como a sacralização da perfeição. Tudo, a qualquer momento, é perfectível. A obra está sempre em estado de provável mutação, assim como há possíveis obras nas metamorfoses que os documentos preservam. (SALLES, 2014, p. 34).

Salles aponta um tópico que vou comentar com mais clareza. A obra em estado de provável mutação. Como artista estamos sempre buscando melhorar através da nossa produção o que queremos manifestar em arte, pois as diferentes produções de um mesmo artista podem no fim ter o mesmo sentido. Seja demonstrar seus sentimentos, fatos que causam impacto, ou mesmo o cotidiano. Mas onde quero chegar não é no conceito da obra, mas no processo de criar, e essa obra passa por metamorfoses até atingir o processo de maturação.

O artista Francis Bacon conta em uma entrevista como uma figura se tornou outra em uma de suas pinturas (figura 10).

Figura 10 - Pintura



Francis Bacon, 1996. Óleo e têmpera sobre tela, 198 x 132 cm. Disponível em: <https://makingarthappen.files.wordpress.com/2013/01/fb.jpg>. Acesso em: 11 mai. 2018

Bom, um dos quadros que pintei em 1946, aquele que parece um açougue, surgiu diante de mim por acaso. Eu estava tentando fazer um pássaro pousando num campo. Pode ser que ele de algum modo tenha uma relação com as três formas que foram feitas antes, mas de repente as linhas que eu tinha desenhado surgiram uma coisa muito diferente, e desta sugestão nasceu o quadro. Não tinha intenção de pintá-lo; nunca pensei nele daquela maneira. Foi como se uma coisa, aparecida acidentalmente, tivesse ficado debaixo de outra que também por acaso veio logo depois. (SYLVESTER, 1995, p.11).

A obra em si, se transformou em outra, quase que por “vontade” própria. O artista seria o idealizador, como se os dois fossem um só. Isso me põe a pensar que poucos são os insetos que conseguem alcançar através da metamorfose, a fase adulta e da mesma forma age o artista e sua obra. Para ser um artista é preciso de um processo, que parte da experimentação, para chegar na maturação. O artista maduro é aquele que consegue exercer o seu potencial na obra e na poética.

5 CAPÍTULO 4 - METAMORFOSE

Há tantos tipos de metamorfose quantas são as mudanças de forma que ocorrem durante o ciclo de vida dos insetos, desde o ovo, passando pela larva e pupa até o adulto, ou do ovo, passando pelas ninfas até o adulto “ (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 20).

A lagarta passa por várias metamorfoses até chegar à fase adulta. Seu ciclo de vida é longo, e o tempo da fase adulta é efêmero. Assim como a lagarta, nós artistas passamos longas horas pesquisando, dentro do ateliê, ou em algum canto criando, praticando, experienciando. Sabemos que o processo é longo e às vezes nos parece distante, mas aos poucos vamos nos transformando e junto conosco a produção. A produção é reflexo do nosso amadurecimento ou nosso amadurecimento se reflete na produção ou ainda ambas as afirmações acontecem paralelamente. O ciclo de vida da borboleta por exemplo, começa quando a borboleta adulta coloca os ovos nas folhas, ou em algum lugar que considere apropriado. A partir daí os ovos só eclodem quando o ambiente está agradável. É similar ao começo do nosso processo enquanto artistas, quando nos inspiramos e nos sentimos confortáveis para assim produzir. A duração dessa fase do ciclo para a borboleta pode demorar até um mês, para o artista menos ou mais. Depois que os ovos eclodem a larva se alimenta constantemente de folhas para obter energia, e produz fios de seda para poder usar na construção do casulo e se proteger dos predadores, fase que pode durar de meses até um ano.

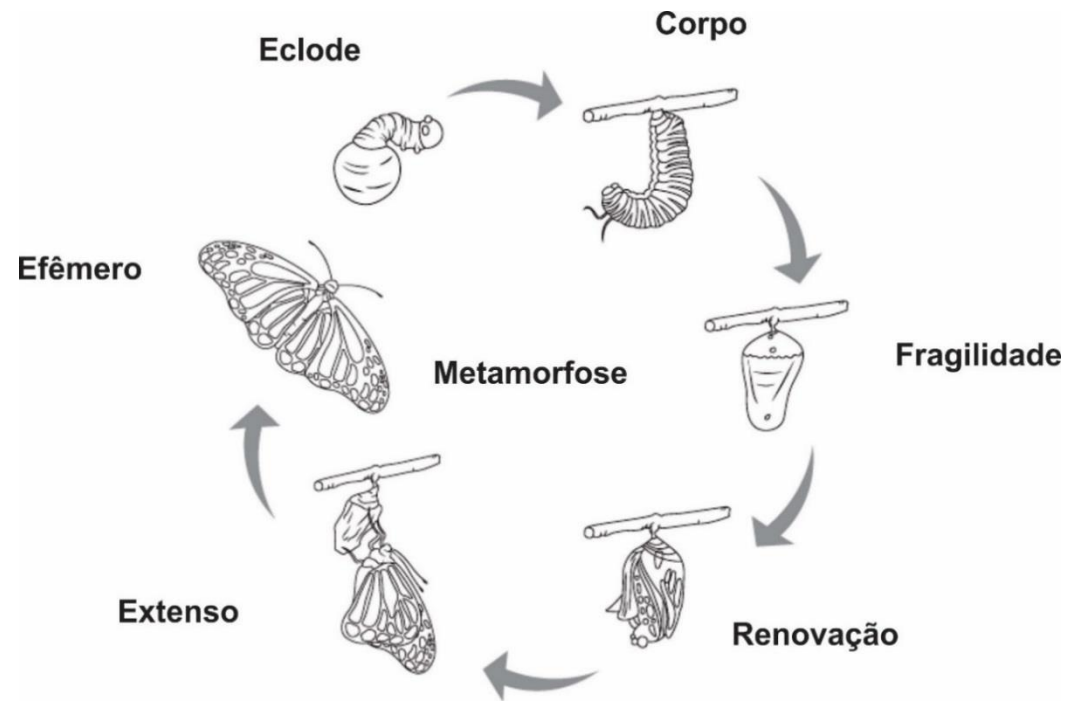
O artista, nesta fase de transformação, procura um meio para obter conhecimento e assim produzir e satisfazer suas necessidades. No processo a borboleta passará por várias mudanças de pele até chegar na fase de pupa e produzirá o casulo com os fios de seda. As transformações drásticas acontecem na fase que a larva fica no casulo, geralmente, uma semana ou até um mês. Nem sempre o artista consegue produzir freneticamente. Há momentos em que as ideias fluírem melhor e em outros momentos não. Tem momentos que me sinto inspirada com vontade de produzir e escrever. Às vezes no caminho até a faculdade

tenho diversas ideias, e em alguns momentos não sinto o mesmo. O ciclo se completa quando a borboleta rompe o casulo e se dispersa com o propósito de encontrar um macho e reproduzir e assim iniciar o ciclo novamente. Essa fase na produção artística pode ser relacionada ao quanto deve-se dedicar aos propósitos desejados, para realizar e obter os resultados esperados. E a cada resultado alcançado, outras inquietações aparecem e nos fazem reiniciar esse ciclo.

Os insetos, os artistas, as produções, todas passam por transformações. Confesso que ao longo desse percurso de principiante, percebi que quanto mais minha pesquisa seguia rumo, mais acontecimentos me ocorriam. Em razão da falta que senti dos insetos ao meu redor, consegui enxergá-los novamente, de modo que não me saem mais da mente. Vejo eles em todos os lugares. Há, em todos os momentos e de várias formas. Muitos dando seus últimos suspiros, como se me escolhessem para serem seus confidentes do leito de morte que precisam contar seus segredos para assim poderem descansar. É como quando procuramos algo e não achamos no momento, mas depois nos aparece bem na frente dos nossos olhos. E quando desejamos algo, parece em tudo a nossa volta, só se percebe isso, e muitos.

Para melhor entender esse processo de criação artista, focando nas minhas produções, elaborei esse 'diagrama' (figura 11), onde me aproprio do ciclo da borboleta para descrever o processo. Como todo ciclo, ele não tem fim. A eclosão dos ovos é como um recomeço, uma viagem, uma nova oportunidade. O corpo da larva é a fase em que se alimenta para crescer e se preparar para a nova etapa.

Figura 11 - Diagrama/ ciclo da borboleta



Fonte: acervo pessoal da artista.

O casulo eu considero como sendo a fase mais frágil de uma borboleta, e do mesmo modo acontece conosco, artistas que buscamos oportunidades para participar do 'mundo da arte', queremos que nossa produção seja vista e reconhecida. E o

processo de fazer, produzir, se renova a cada ideia, a cada instante, mesmo que às vezes seja extenso, pois dependendo da espécie a fase larval pode durar até 5 anos e no caso da borboleta de uma semana até um mês, ou efêmero, pois assim como algumas espécies de borboleta, a fase adulta tem uma duração limitada, isso resulta em metamorfoses, transformações, aprendizados. E tudo se inicia novamente. O artista precisa continuar produzindo para não ficar acomodado, mostrando seu diferencial na arte através de suas produções.

6 CAPÍTULO 5 - EMERSÃO

[...] as mandíbulas são utilizadas para cortar e abrir os casulos algumas vezes [...] pode utilizar espinhos dirigidos para trás na cutícula pupal para forçar sua passagem para fora da célula ou casulo” (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 29).

Para sair a larva tem que fazer força para ocasionar a quebra do casulo. No momento que emerge a hemolinfa passa pelas veias de suas asas e depois de endurecida, consegue voar. Nesse processo, no período que a borboleta passa dentro do casulo, seus excrementos não podem ser expelidos, somente quando ela sai. O casulo, os excrementos, são registro de que ali ocorreu a transformação de uma vida. Esse processo deixa um rastro. E no processo artístico não é diferente. Durante muito tempo o processo de criação era somente o caminho a se chegar a produção final. Mas os artistas começaram a perceber a importância de se registrar. Quando rabiscamos, escrevemos ou mesmo anotamos certas ideias no papel, estamos ali formando uma produção artística, pois ela não é só o final, é o conjunto. É tão importante quanto o que mostramos ao público. Esses vestígios que deixamos podem no futuro florescer em novas ideias. Muitos desses rascunhos não chegam a sair do papel, são largados e retomados depois de anos. Quando se têm uma ideia de produção e a materializamos, já não será a mesma, pois ao pensar e materializar a ideia se torna diferente, na prática terá que experimentar materiais, quais tamanhos e formas mais se aproximam com o desejado.

Estamos conscientes de que não temos acesso direto ao fenômeno mental que os registros materializam, mas estes podem ser considerados a forma física através da qual esse fenômeno se manifesta. Não temos, portanto, o processo de criação em mãos, mas apenas alguns índices do processo. São vestígios vistos como testemunho material de uma criação em processo. (SALLES, 2014, p. 26-27)

O observador então não terá ao todo consciência da produção proposta pelo artista, tendo como base a falta de conhecimento que o mesmo tem do trabalho exposto e julgado pelo artista como sendo o trabalho final. Esses rastros deixados como anotações, esboços, diários são complementos para melhor entender o processo de criação de cada artista e que sabe assim consiga compreender um pouco mais sua proposta. De acordo com Paul Klee “Um diário, por exemplo, não é uma obra da arte, mas uma obra do tempo. Pode-se, portanto, afirmar que esses documentos guardam o tempo contínuo e não linear da criação” (KLEE, 1990. p. 74 apud SALLES, 2013. p.29).

Uma das exposições que teve como proposta o processo de criação foi realizada pela curadora e professora Cecília Almeida Salles, no ano de 1994, com o título de “Bastidores de Criação”⁹, na cidade de São Paulo. A exposição tinha como objetivo expor o processo de criação de vários artistas brasileiros, dentre eles cineastas, escritores, artistas plásticos, entre outros. Rascunhos, partituras, maquetes e *story boards* foram expostos e teve a participação de Hélio Oiticica, do cineasta Glauber Rocha, da escritora Lygia Fagundes Telles, entre outros. Trabalho importante e inovador na área das artes, enfatizando a importância não somente do trabalho em si, mas também o processo até ele. Quando olhamos uma mostra e observamos as produções, não fazemos ideia dos erros e acertos que o artista passou, que nem sempre foi só alegria e sim momentos de angústia, fúria, inquietações.

Portanto, existiu uma época em que havia uma diferença entre rascunho e obra acabada, ao contrário da modernidade que passou a tomar o rascunho, o esboço, o projeto, o processo e o conceito por obra realizada. (SANT’ANNA, 2003, p.170)

A insistência do artista é que faz dele o artista. Temos como motivação a arte, fazer arte, e quanto mais chegamos perto de conseguir realizar algo, mais nos inquietamos e queremos mais. Esse processo não acontece em um instante qualquer, em um piscar de olhos, ou até mesmo porque desejamos muito e assim acontecerá. Somente é possível realizar através de pesquisa e de tentativas, da prática. A prática amadurece, e trago esse trecho, que reforça ainda mais essa afirmação, “O crescimento e as transformações que vão dando materialidade ao artefato que passa a existir, não ocorrem em segundos mágicos, mas ao longo de

⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/24/ilustrada/12.html>. Acesso em: 3 abr. 2018.

um percurso de maturação.” (SALLES, 2014, p.40). Há ocasiões, por exemplo, que são denominadas de acasos. Ostrower utiliza esse conceito para denominar o acaso de descobrir algo que já era de nosso conhecimento, mas passou despercebido até o momento.

Cada artista, cada leitor terá provavelmente seu próprio repertório de coincidências, ou talvez até mesmo de erros cometidos que se transformaram em acertos. Constituem sempre eventos imprevisíveis e surpreendentes. No entanto, parecem ocorrer num momento exato da vida, momento por vezes decisivo na realização de certos objetivos. (OSTROWER, 2013, p.23).

Quando possuímos um objetivo ficamos focados no assunto. Tudo ao redor sobre o assunto nos chama atenção e conseqüentemente olhamos com um olhar diferenciado, o que nos faz enxergar o que antes mesmo na frente de nossos olhos não era possível.

A artista Júlia Amaral¹⁰ passou por um momento ao acaso. E isso transformou sua vida e sua produção artística. Ela não estava conseguindo encontrar o que buscava, até que ao acaso descobriu o *Bestiário*¹¹ que é uma série de animais e insetos produzidos através do processo da fundição. O início desse trabalho foi inusitado, pois foi ao acaso que ela encontrou no ateliê da instituição o esqueleto de um pássaro e isso a deixou fascinada. O resultado final desse processo, depois de várias experimentações, foi a produção de esculturas de animais/insetos feitos de cobre e prata, a partir dos animais que encontrava e ganhava de outras pessoas. O interesse dessa artista pelos animais e principalmente os insetos, que me chamou atenção, e não somente a obra em si, mas também o processo que ela passou. Ela não teve certeza de que animais fariam parte do trabalho, foram totalmente ao acaso, para no final, concluir suas ideias e realizar o projeto final. Sendo que este projeto está em constante mudança, e sofre influências das pessoas que a cercam, pois são elas muitas vezes que encontram esses animais e levam até ela. Sem saber quais animais serão e quando aparecerão.

¹⁰ Artista visual, formada bacharel em escultura e cerâmica pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

¹¹ Literatura, obra didática da Idade Média, com descrição de animais reais ou fabulosos.

Esse processo não deixa de ser uma apropriação, pois ela utiliza o esqueleto, a forma do animal e cria, ressignifica. Um significado enigmático e pouco corriqueiro. É algo somente dela, um acaso que virou pesquisa/processo. Quando observo essas imagens tenho a sensação de que elas serão assim eternizadas, como se a morte pudesse ser eternizada e lembrada. É um olhar para a morte sem medo, sem dor, pois os animais parecem estar em estado contemplativo. A artista participa da exposição “Ter as costas livres” (figuras, 12,13 e 14), em Florianópolis em 2015, onde expõe 16 fotografias coloridas de animais sem vida.

Figura 12 - Ter as costas livres



Júlia Amaral, série com 16 fotografias coloridas. Disponível em:
http://www.revistamuseu.com.br/site/images/revistamuseu/noticias/not_2018/not_2018_02/MASC_movimento.jpg. Acesso em: 09 abr. 2018.

Figura 13 - Ter as costas livres



Júlia Amaral, série com 16 fotografias coloridas. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/Julia-Amaral-cintilante.jpg>. Acesso em: 09 abr. 2018.

Figura 14 - Ter as costas livres



Júlia Amaral, série com 16 fotografias coloridas. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/chifrudinho.jpg>. Acesso em: 09 abr. 2018.

Júlia Amaral também, desenvolveu um método para suas produções. Como por exemplo o processo de fundir em metais o corpo de insetos (figuras 15 e 16). Depois de várias experimentações, ela conseguiu fazer moldes a partir do corpo dos insetos, que muitas vezes era doado por outras pessoas a ela.

Figura 15 - Passagem de voo



Júlia Amaral, fundição em cobre e prata, 2005/2007. Disponível em: http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/julia_amaral11.jpg. Acesso em: 09 abr. 2018.

Figura 16 - Apesar de



Júlia Amaral. Crânio de pássaro fundido em bronze, 2010, 2,0 x 3,0. Disponível em: <http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/Julia-cranio.jpg>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Já o artista Paulo Pasta¹², em uma entrevista, conta que buscava elementos da infância, então resolveu pintar dois peões que costumava brincar e no momento que pintou, percebeu que outra figura se tornou presente, a ampulheta. A partir disso ele já não captava mais a infância e sim o tempo, Pasta (2001), “às vezes eu começo com uma coisa e a pintura vai me mostrando outra coisa, começo por um caminho e ela vai me levando por outro caminho, e eu acho que é isso que é interessante”.

¹² Informação retirada da enciclopédia do Itaú Cultural: Paulo Augusto Pasta (Ariranha, SP, 1959). Pintor, desenhista, ilustrador e professor. Gradua-se em artes plásticas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 1983. Atua como arte-educador na Pinacoteca do Estado de São Paulo (Pesp), entre 1983 e 1985. Cria obras abstratas nas quais utiliza uma gama cromática reduzida, explorando variações tonais. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9809/paulo-pasta>. Acesso em: 22 mai. 2018.

O processo por ser de forma singular, tem para cada um artista uma percepção diferente. Alguns artistas gostam da ideia de se deixarem levar pela criação, outros gostam de seguir as técnicas e fazer exatamente o que pensou.

7 CAPÍTULO 6 - FASE ADULTA: ARTISTA-ENTOMÓLOGA

São objetivos da entomologia: estudo da forma externa do corpo dos insetos, da estrutura e função dos órgãos, do desenvolvimento e da reprodução, do ciclo evolutivo, do ciclo da vida, da metamorfose, dos fósseis, da identificação e classificação dos insetos, da transmissão de doenças aos animais e às plantas etc. (BUZZI, 2005, p. 11)

A relação com a biologia que possui é um sentimento ainda pouco explorado, mas aos poucos vem sendo desenrolado. Mas não são todas as áreas de um biólogo que me interessam, particularmente a entomologia é um assunto recorrente não só nas produções, mas também na pesquisa. Um artista não é só um artista, existe artista/ professor, artista/pesquisador e penso que agora artista-entomóloga, me considerando assim como tal, em um texto Basbaum explica o termo artista-etc¹³.

Quando um artista é um artista em tempo integral, nós o chamaremos de 'artista-artista'; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escrevemos 'artista-etc' (de como que podemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico, etc); (BASBAUM, 2004 apud MOURA, 2005)

Por mais que digam que não exista uma relação e que um artista é somente um artista, acredito que não há como separar duas vontades existentes em mim, que a cada dia buscam se conectar, podendo assim considerar essa aceitação como uma metamorfose do meu ser. Trazendo isso para a arte, com intenção de confirmar a existência desses seres fantásticos de forma entomológica, e desse modo proporcionar essa aventura ao observador, foram realizados por mim esboços para fim de identificação e classificação. Algumas anotações escritas também existem nesse caderno (figura 17, 18, 19 e 20), como por exemplo o local em que foram encontrados os seres que apresento.

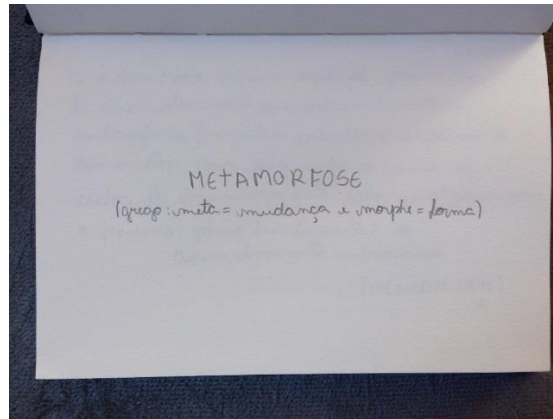
¹³ Texto intitulado como 'Amo os artistas-etc', publicado originalmente em inglês em 2004 por Basbaum, traduzido e publicado no livro Políticas Institucionais, práticas curatoriais, Rodrigo Moura (Org.), Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005.

Figura 17 - Caderno de registro artístico/científico



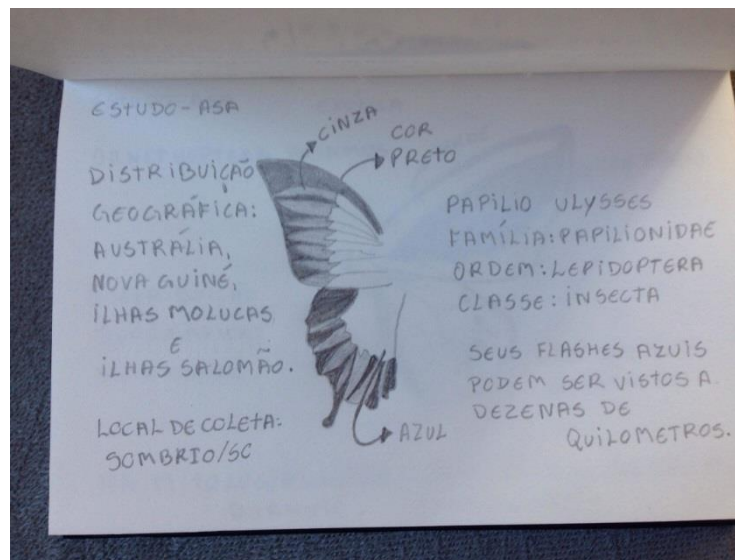
Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 18 - Caderno de registro artístico/científico



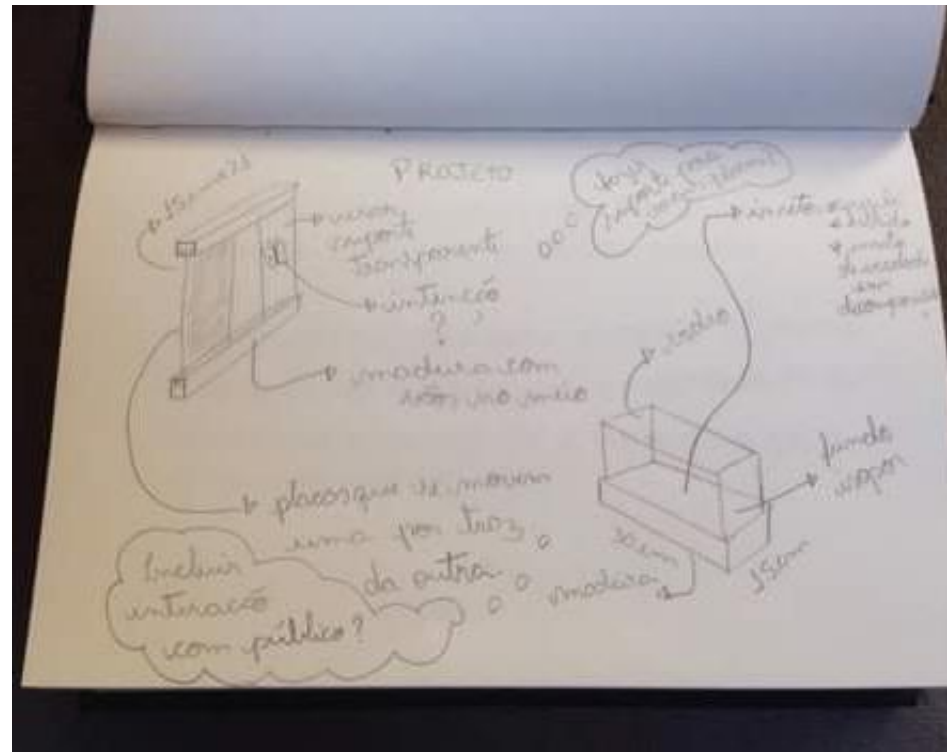
Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 19 - Caderno de registro artístico/científico



Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 20 - Projeto produção



Fonte: acervo pessoal da artista.

Com intenção de confundir o observador e de levantar questões que os coloquem em dúvida, fazendo-os pensar se realmente existem esses seres ou se alguns pontos são verdadeiros, ou se existem conceitos falsos. Essas ideias estavam convivendo comigo, e sem poder colocá-las em prática, ficaram ali por tempo só na ideia. Mas, para mim, todo artista para ser artista, necessita da experimentação que é o que põe em xeque a ideia, pois assim saberá se ela realmente pode ser concebida. Eu aspirava criar a partir desses seres ligando-os à Biologia e à Arte. O artista ou qualquer outra pessoa tem ou já teve um

caderno para anotações, para o artista principalmente considero de muita importância, pois sempre acontece de vir à mente uma frase, uma palavra, uma forma, e para não se perder precisa logo ser escrita, desenhada ou rascunhada. Desde o começo do curso, lembro que foi uma das primeiras coisas que comprei, uma caderneta (figura 21) pequena para poder guardar em qualquer lugar, e ela me acompanha até o momento. Escrevi tantas frases, poemas, desabafei, rascunhei, anotei coisas referente ao meu antigo trabalho, pois na correria entre trabalho e faculdade muita coisa era necessária anotar. Quando me surgia uma ideia, um desenho, uma frase foi nela que anotei várias dessas ideias que eu tive durante a ida ou volta da faculdade, no transporte, pois são quase uma hora somente de ida. Hoje olhando essas anotações percebo o quanto meu ser se modificou, o quanto amadureceu, quantas ideias amadureceram e essencialmente o quanto foi e ainda é importante anotar as ideias, pois parece que surgem justamente quando não podemos colocá-las em prática. Acredito que para um cientista, ou um entomólogo, que busca sempre novos meios ou novas espécies para sua coleção/conhecimento é importante o fato de registrar.

Partindo desta perspectiva trago em minha produção artística nesta pesquisa um conjunto de elementos que se relacionam com a ciência da entomologia. Por meio da argila criei um ser híbrido (figura 22), meio homem, meio inseto, com asas, e também outros objetos, como o casulo, a borboleta saindo de um casulo, a larva, todo o ciclo de um inseto holometábolo¹⁴ (figura 23), cada ciclo uma transformação, uma metamorfose, completando com um inseto verdadeiro, uma borboleta em decomposição, encontrada por mim durante essa escrita.

¹⁴ Inseto que passa por metamorfose completa, por exemplo a borboleta, sua fase larval se diferencia completamente do adulto.

Figura 21 - Caderneta de anotações



Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 22 - Ser híbrido de argila



Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 23 - Ciclo da borboleta



Fonte: acervo pessoal da artista.

Diferentemente da entomologia, que captura insetos vivos a fim de identificá-los, acabando assim com a vida da pequena criatura indefesa, a coleta dessa borboleta (figura 24) no dia vinte e dois de maio do ano de dois mil e dezoito, ocorreu por acaso, pois não tinha intenção de encontrá-la, estava próxima a minha porta, já sem vida, logo quando passei ali, meu olhar foi capturado para essa criatura de cores intensas.

Por me aproximar da entomologia, para minha produção artística, como trabalho de conclusão de curso, busquei estabelecer essa relação. Um aluno de biologia, para a aula, precisa elaborar uma caixa de insetos. Ele captura e identifica as espécies que encontra, e os coloca na caixa. Em minha produção, utilizo métodos parecidos. Elaborei uma caixa de madeira com tampa de vidro, e dentro coloquei os insetos que criei em argila, o híbrido e juntamente a borboleta adulta, para completar o ciclo (figura 25). A hibridização não acontece somente entre inseto e humano, mas também nas diversas escolhas de materiais. A escolha do isopor no fundo da caixa é por fazer referência a caixa de insetos que o entomólogo utiliza, pois assim facilita a retirada do inseto para estudo e posteriormente a sua colocação novamente. Para compor esses objetos, com intenção de criar algo com materiais que pudessem dialogar criei um painel (figura 26), com placas que se movem, inclusive uma na frente da outra, justamente para mesclar fotografias com desenhos no papel vegetal, produzindo assim outros híbridos. As fotos são de insetos que encontrei por acaso e que pensei em fotografar para em alguma oportunidade usá-las e também para poder compartilhar a beleza que existe nos pequenos detalhes.

Figura 24 - Borboleta encontrada



Borboleta encontrada próximo a porta da minha casa, no dia 22 de maio de 2018.

Em algum dia da semana parei para observar o padrão dessas fotos, e o porquê as tirei assim. Todas foram fotografadas (figuras 24, 27 e 28) com os insetos em minhas mãos. Isso pareceu para mim uma aproximação, um gesto afetivo, e que pensando de outra maneira percebi que a mão é onde possuímos nossa identificação, onde somos únicos, nossa digital. São os acasos, que muitas vezes nos fazem perceber as coisas de maneira diferente.

Figura 25 - Caixa de insetos e caderno-artístico/científico



Metamorfoses incompletas de uma artista entomóloga, 2018, caixa de insetos 30 cm x 15 cm x 25 cm e caderno-artístico/científico 16 cm x 2 cm x 11 cm. Exposição entremeios. Instalação. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 26 - Painel



Metamorfoses incompletas de uma artista entomóloga, painel de madeira com fotografias (em placas que se movem) e desenho, 45 cm x 5,5 cm x 23 cm, 2018. Exposição entremeios. Instalação. Fonte: acervo pessoal da artista.

Figura 27 - Borboleta branca



Borboleta encontrada na entrada do banheiro da universidade, no dia 25 de abril de 2018.

Figura 28 - Libélula encontrada



Libélula encontrada em cima do carro, no dia 7 de janeiro de 2018.

O artista Walmor Corrêa possui produções semelhantes as minhas. Em uma série, chamada *Dioramas* (figura 29), ele produz híbridos, pássaros com língua de borboleta, esses seres estão dentro de um recipiente que lembra a caixa de insetos, parecem que se transformaram em uma nova espécie, e cria uma paisagem nova através de seus pensamentos.

Figura 29 - Diorama



Walmor Corrêa, 2012. Fonte: site do artista Walmor Corrêa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS - METAMORFOSE INCOMPLETA

Os insetos que se desenvolvem por metamorfose incompleta não possuem um estágio quiescente entre o último instar larval e o adulto. (COSTA, IDE, SIMONKA, 2006, p. 20)

A metamorfose incompleta ocorre quando o inseto é semelhante (forma física), na fase larval com o inseto na fase adulta. Poucos aspectos são modificados, mas mesmo essas poucas mudanças, são importantes. Importantes porque são elas que irão definir a fase adulta, onde esse inseto ganha liberdade, pois suas asas, por fim aparecem. Levando esse termo *metamorfose* e para uma ressignificação, relacionando-as com a busca constante dos seres humanos por respostas para as dúvidas, sofrendo assim mudanças que acontecem incessantemente. Um ser que transforma a cada dia (espiritualmente).

De alguma maneira, pude e tive a oportunidade de me aproximar dessas questões da biologia, onde meu interesse até o momento se manteve na entomologia, utilizando ela como parte da minha poética. As influências e as experiências na infância foram 'capturadas' e transformadas sobre meu olhar em arte. O artista, a arte, os seres humanos, são semelhantes aos insetos. Constantemente iniciam e reiniciam seus ciclos, passam por metamorfoses, e mudam a cada instante. A cada instante aprendemos algo novo ou olhamos para algo com outro olhar. É um ciclo sem fim, que a cada processo algo novo conhece, sendo assim de metamorfoses incompletas.

O meio em que vivemos, as experiências adquiridas, nos tornam seres únicos, com ações únicas, que se manifestam de várias maneiras diferentes. 'Pegamos' algo e apresentamos como arte, e isso pode ser assim observado por todos. Se, meu ser se transforma, conseqüentemente a produção também, e minha produção pode se transformar em algo que eu não esperava, ou imaginava, pois não temos consciência de todas as nossas escolhas.

Todas essas afirmações são baseadas em minha experiência, por mais recente que seja. É a perspectiva de um olhar de quem acabou de se conhecer, de se reconhecer. Posso amanhã pensar diferente. Acredito que, ainda preciso descobrir e experimentar outros interesses, e ao longo desse trabalho pude perceber o quão maior são meus pensamentos e que me mantive presa ao chão por receio.

Essa pesquisa/processo, pretende que os leitores possam ter novos olhares sobre a produção artística, e que entendam que nem sempre esse processo é fácil de encontrar, mas que através da experimentação e da experiência, conseguem chegar na maturação, assim compreendendo a sua poética. E que o artista entenda que essa maturação ainda é sujeita à novas descobertas, pois assim como todos os seres, sofremos constantes transformações. O importante é acreditar no potencial que existe em cada um, a distinção de cada um torna o processo singular, mas que busca fazer parte do coletivo, compartilhando essas experiências através da arte, participando das transformações de outras pessoas, pois partilham ideias. Penso que compartilhando minhas experiências e provocando a experiência do outro pode-se contribuir para que cada vez mais pessoas e mais processos artísticos se transformem.

REFERÊNCIAS:

- A COR da Criação: (Paulo Pasta). Direção de Cacá Vicalvi. São Paulo: Arte na Escola, 2001. 1 DVD (23 min).
- Amaral, Júlia. **O bestiário e alguns desdobramentos**. Criciúma. 2016. (78 min). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=lQbdBSj82kM>>. Acesso em: 24 out. 2017.
- BATTCKOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva S.A. 1975. 292 p.
- BUZZI, José Zundir. **Entomologia Didática**. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2005 348 p.
- CANTON, Katia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 57 p. (Temas da Arte Contemporânea).
- COSTA, Cleide; IDE, Sergio; SIMONKA, Carlos Estevão (Ed.). **Insetos Imaturos: metamorfose e identificação**. Ribeirão Preto: Holos, 2006. 249 p.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ufsm, 2013. 244 p.
- MOURA, Rodrigo (Org.). **Amo os artistas-etc**. 2005. Disponível em: <https://rbtxt.files.wordpress.com/2009/09/artista_etc.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.
- NORONHA, Marcio Pizarro; AMBRIZZI, Miguel Luiz. **Imaginário artístico e da arte em Walmor Corrêa Imaginário artístico e da arte entre os traços e resíduos das relações arte-natureza na obra de Walmor Corrêa**. Disponível em: <<http://www.walmorcorrea.com.br/texto/imaginario-artistico-e-da-arte-em-walmor-correa/>>. Acesso em: 23 out. 2017.
- OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. São Paulo: Unicamp, 2013. 398 p.
- _____. **Criatividade e Processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 186 p.
- RAMOS, Paula. Walmor Correa. In: BLAUTH, Lurdi. **Forapalavradentro**. Novo Hamburgo: Ed. do autor, 2013. 104 p.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. 6. ed. São Paulo: Annablume, 2014. 185 p.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Desconstruir Duchamp: arte na hora da revisão**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003. 202 p.

SYLVESTER, David. **Entrevistas com Francis Bacon: A brutalidade dos fatos**. Itália: Cosac & Naify, 1995. 208 p.